

Todo o teatro de Eduardo Campos

Data: 29/07/1999

Eduardo Campos aproxima as lentes da memória e desembaça do olhar as reminiscências das duas décadas em que ficou sem escrever para teatro.

Com isso, alarga o campo de visão e contempla sereno a obra que se desdobrou ao longo de quatro décadas renovando a produção teatral cearense e compondo um cânone obrigatório para a compreensão de nossas artes cênicas.

Ele próprio sabe disso e admite sem maiores caprichos ou falsas modéstias. “O que escrevi representa uma fase importante do nosso teatro.

Nem tanto pelo talento literário ou pela própria qualidade dramaturgica das peças. Mas principalmente pela mensagem que consegui transpor para o palco sobre nossa linguagem, nossos costumes, nosso cotidiano”.

Assim, os dois volumes de “Teatro”, organizados por Marcelo Costa e editados pelo Programa Editorial Casa José de Alencar da UFC, vêm à tona para resgatar boa parte dessa experiência de compreensão da cearensidade pontuada nos chistes, gestos e maneirismos da obra de Manuelito - como o dramaturgo também é conhecido.

Os livros serão lançados hoje à noite no Teatro do Ibeu Aldeota, junto com a apresentação da montagem do grupo Balaio da peça “A donzela desprezada”.

“Eu nunca gostei desse negócio de obras completas porque achava uma coisa meio pedante”, diz Eduardo.

“Mas aí o Marcelo teve a idéia e tanto insistiu que eu acabei me rendendo ao projeto”.

Os volumes, que coincidem com os 60 de carreira de Eduardo - que pisou no palco pela primeira vez no final dos anos 30 -, trazem o texto de dez peças (“O Morro do Ouro”; “A Rosa do Lagamar”; “A Donzela Desprezada”; “O Julgamento dos Animais”; “O Andarilho”; “O Demônio e A Rosa”; “O Anjo”; “Os Deserdados”; “A Máscara e A Face”; “Nós, As Testemunhas”).

Além das peças, os dois livros também trazem uma fortuna crítica (com textos de Braga Montenegro, Sérgio Milliet, Antônio Girão Barroso, Fran Martins, José Lemos Monteiro e Ricardo Guilherme, entre outros), uma instigante iconografia e uma cronologia da obra de Manuelito. “Eu já estou velho. E antes de desaparecer, achei que isso tinha que ser feito com o meu conhecimento e sob a minha supervisão”, desabafa Eduardo, que não permitiu que algumas de suas peças fossem compiladas. “São textos que não representam minha obra, não dizem nada sobre ela. São geralmente pastelões, cheios de clichês, que não acrescentam nada. Além do que, algumas tinham uma vocação filosófica terrível, coisas que escrevi quando tinha 18, 19 anos”, explica. Aos 76 anos, Eduardo está preparando seu 11º livro de contos, “O

Pranto Insólito”, mas se diz sem motivação para voltar a escrever para teatro - sua última peça, “O Andarilho”, foi escrita em 1979. “Uma crítica, um estudo, tudo bem, mas peças, não. Até porque me sinto um pouco deslocado no tempo. Se tivesse que escrever hoje, teria que me deter nas regras de dissolução e desestruturação de nossa sociedade. E para assuntos como Aids, doenças sexualmente transmissíveis, drogas e isso tudo, eu não me sinto preparado para escrever”, confessa. Mais do que quaisquer outros campos de realização estética, defende Manuelito, é nas artes plásticas e no teatro que o Ceará encontra sua verdadeira representação cultural. No primeiro caso pela grande quantidade de nomes e de talentos que a cada ano vão surgindo no Estado e se destacando fora daqui e, no segundo, pela verve natural do cearense para o teatro. “As pessoas que sofrem, que trazem consigo uma grande carga de sofrimento possuem uma vocação teatral inata. E nós, os cearenses, somos grandes sofredores. É por essa razão que o teatro, para mim, tem que refletir a nossa maneira de vida, tem que ser um teatro mais localizado em nosso cotidiano, em nossos sofrimento e em nossas alegrias”.

Fonte: Diário do Nordeste.